



LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mariuza Aparecida Camillo Guimarães¹

Nathally Camillo Guimarães e Silva²

INTRODUÇÃO

A pandemia que acomete o mundo trouxe para a escola a necessidade de novas formas de pensar o ensino e a aprendizagem, sobretudo, o processo de alfabetização e letramento. Este texto tem como objetivo explicitar o conceito de alfabetização e letramento e os impactos da pandemia nessa concepção da educação da criança, desenvolvida por meio do ensino remoto. A coleta de dados se deu por meio de pesquisa documental sobre o tema e do relato de uma das autoras que atua na educação básica, em uma rede pública, com crianças do Grupo 5, na educação infantil.

Esses elementos foram analisados considerando os impactos da pandemia no processo de ensino e de aprendizagem das crianças e as eventuais consequências que advirão desse tempo de incertezas pelo qual passa o mundo.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: OS IMPACTOS DA PANDEMIA

O processo de alfabetização é fundamental na escolarização e se constitui como uma das preocupações de pesquisadores, gestores da área da educação e organismos internacionais de garantias de direitos. Este foi um dos assuntos debatidos quando da realização da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtiem, Tailândia, em 1990. (UNICEF,1990)

¹Docente da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.Email: mariuza.guimaraes@ufms.br.

²Docente da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.Email: Nathallyg88@gmail.com.



Em 2014, quando da aprovação do atual Plano Nacional de Educação 2014-2024, as taxas de alfabetização saíram de 88,5, em 2004, para 91,5, em 2013. O mesmo documento indica que o índice de analfabetismo funcional, apresenta tendência de queda passando de 38,4, em 2004, para 29,4 em 2013 (BRASIL, 2014).

Esses dados apontam para crescimento significativo dos índices de escolarização no Brasil, entretanto, a pandemia que tem acometido o mundo a partir de dezembro de 2019, trouxe uma nova realidade: o ensino remoto, o que evidenciou as dificuldades do uso da tecnologia na área da educação, especialmente, quando se refere às crianças que estão iniciando o processo de alfabetização.

O Plano Nacional de Educação quando trata da alfabetização traz para o seu âmbito os processos de letramento, ampliando-a para além da decodificação de signos linguísticos, incorporando o conceito descrito por Soares (1998) que assinala que o letramento é um estado permanente de uso da escrita e da leitura, de forma a atender as demandas sociais.

Segundo a mesma autora, o ensino exige um método, um referencial teórico que permita a racionalização e a resolução dos problemas que surgem na execução do currículo. Portanto, não faz sentido cobrar que os pais ocupem o trabalho do professor em todas as dimensões. É fato que a pandemia estabeleceu novas relações entre a escola, família e responsáveis. Entretanto, merece reflexão o impacto dessas experiências em todos os aspectos da aprendizagem do aluno, que deve ocupar a centralidade da educação, sobretudo na fase da alfabetização e letramento.

Na pandemia, o processo de alfabetização sai do âmbito da escola e passa para a casa dos alunos responsabilizando a família e ou responsável pelo processo de alfabetização com apoio remoto do professor, invertendo a lógica até então adotada na escolarização, sob responsabilidade da escola, o que aprofunda significativamente as desigualdades sociais, considerando que boa parte das crianças das escolas públicas tem como apoio familiar pessoas com dificuldades em seu próprio processo de letramento, conforme dados



citados no PNE, quanto ao analfabetismo e ao analfabetismo funcional na sociedade brasileira.

Em razão dessa educação invertida uma das autoras desse texto faz um relato sobre a sua experiência na escola pública, onde fala sobre sua trajetória profissional:

Tenho 32 anos e leciono a pouco mais de 7 anos, destes sempre na escola pública. Iniciei minha vida profissional atendendo crianças de 6 a 10 anos com a disciplina de ciências, em seguida passei por um período de dois anos na educação especial e em 2017 fui efetivada na Rede Municipal, por meio de concurso, e comecei a trabalhar com turmas de Grupo 5.

A pandemia trouxe a essa profissional novas necessidades, que inclusive, apesar de sua formação inicial e continuada, precisou ser refletida e retomada:

Entendo ser a pré escola um tempo que a criança deve desenvolver competências que a auxiliem no processo de alfabetização, que se trabalhado de uma maneira lúdica e bem estruturada acaba acontecendo naturalmente.

Pois bem, iniciando com tudo isso em mente me debrucei a estudar ainda mais sobre a alfabetização, fazia várias brincadeiras com os alunos, dentro e fora da sala de aula, e ao final de cada ano sempre tive bons resultados, o que para mim fazia todo meu esforço valer a pena. Me sentia realizada. Aí veio a pandemia...

Escolas fechadas, ensino remoto, gravações, edições de vídeo e a necessidade urgente da participação das famílias no processo de educação escolar das crianças. Trabalho em uma escola de periferia e por mais que tenhamos nos esforçado, fazendo grupos de estudos nas redes sociais e entregando o material de cada mês impresso, a participação das famílias foi ínfima. Os motivos podem ser vários, tais como, falta de estrutura física nas residências, ausência de acesso a internet, pais sobrecarregados com o trabalho e/ou desemprego, instabilidade emocional para enfrentar o contexto da pandemia e até mesmo desinteresse em se comprometer com a aprendizagem das crianças, já que muitas famílias acreditam que esse seja um papel que deva ser desenvolvido unicamente pela escola/professor.

A expectativa do fim da pandemia e as frustrações, impactando sobre as questões profissionais e emocionais:

Enfim, o ano de 2020 passou e acreditamos que em 2021 tudo voltaria a normalidade, entretanto, cá estamos novamente com câmeras a postos, gravando, editando e postando vídeos com explicações das



atividades três vezes na semana e mais uma vez falando sozinhos... A escola nos sugeriu que pensássemos em algo para trazer essas famílias para dentro do processo, e eu agora inicio mais uma tentativa, gravando além dos vídeos para as crianças, um outro também ensinando os pais a como desenvolverem as atividades propostas com as crianças, além de um manual escrito com tais instruções.

Mas, a grande questão é a de como iremos recuperar a aprendizagem desses cidadãos brasileiros? Quais políticas públicas serão desenvolvidas para esse fim? E se o forem, nós professores que estamos na linha de frente da educação escolar desses sujeitos teremos respaldo para tal? Essas são algumas perguntas que me surgem nesse momento. Tento acreditar que para todos esses questionamentos obteremos respostas positivas, é necessário que assim pensemos para que não venhamos a sucumbir na desesperança.

O relato acima descrito apresenta diversos aspectos a serem analisados, a questão emocional do professor e da família, as técnicas usadas pela professora para promoção da alfabetização como um processo e que se torna mecanizado quando se transforma em vídeos e atividades impressas. Cita-se ainda outras dificuldades sociais e financeiras, entre diversos outros motivos que poderão resultar em prejuízos para a aprendizagem das crianças.

Os estudos realizados sobre alfabetização e o relato da professora evidenciam a necessidade do levantamento de dados e o desenvolvimento de pesquisas para que sejam indicadas políticas públicas que deem conta das consequências advindas da pandemia do Coronavírus, que não são apenas educacionais, mas se remetem a perdas de vidas, de empregos, de modo de vida, enfim, será preciso reconstruir o que até então era considerado o normal.

CONSIDERAÇÕES

O processo de alfabetização e letramento necessita de vivências e convivência com a escrita, a leitura, os conhecimentos matemáticos, históricos, geográficos, enfim, o acesso a conhecimentos historicamente acumulados, favorecendo a compreensão de contextos e a elaboração de novos conhecimentos a partir daí, o que a educação escolar aponta como um de seus princípios, a transformação do meio em que vive o sujeito.



Em razão da necessidade de sistematização dos conhecimentos, exige-se que a educação escolar se dê em espaços próprios, por meio de um currículo que sistematiza os conhecimentos, que são organizados a partir de referenciais teóricos e é executado por um professor, que planeja a sua ação definindo objetivos, conteúdos, procedimentos e avaliação.

A educação escolar se constitui por uma racionalidade, para a qual o professor é formado, se aperfeiçoa, se atualiza. Há uma cultura escolar que se respalda em processos que foram construídos ao longo de séculos de humanidade e de convivência social, que precisam ser aperfeiçoados nestes tempos de ensino remoto que trazem a necessidade de redefinição de métodos e técnicas utilizados na educação, em especial, nesse novo papel do profissional da educação que não é mais a figura presente, mas virtual, e que por isso deve construir uma nova forma de comunicação com alunos, pais e responsáveis.

Os prejuízos com a pandemia são imensuráveis, por isso pesquisadores, poder público, gestores, professores e família terão que estabelecer relações que permitam novas experiências de alfabetização, de educação formal, encontrem esse novo normal que se fará no pós-pandemia, sobre o qual nada sabemos, mas que indica a revisão das ações comumente desenvolvidas na educação escolar, dentre elas, essencialmente, os conhecimentos deverão se sobrepor aos conteúdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. IBGE. **Indicadores sociais**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1>. Acesso em 20 de mar. de 2021

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.



UNICEF. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em 30 de mar. de 2021.